

Estudemos, entretanto, a natureza, origem e historia dos diversos systemas orthographicos do portuguez, e as reformas, que ultimamente tem sido propostas.

SYSTEMAS ORTHOGRAPHICOS

160. Chamam-se *systemas orthographicos* os diversos modos de transcripção ou transliteração dos phonemas vocabulares.

Dois, em rigor, são esses systemas — o PHONETICO e o ETYMOLOGICO, que, na impossibilidade practica de uso exclusivo, deram origem a um terceiro denominado *mixto* ou *usual*. Os dois systemas differentes, que tendem a conciliar-se em nosso actual systema mixto, ou phonetico-etymologico, são duas correntes historicas na arte da representação graphica da linguagem fallada. O italiano, e o hespanhol, na systematização desta arte, penderam para o lado do phonetismo, ao passo que o portuguez e o francez para o lado do etymologismo. E' evidente que hoje, com o desenvolvimento e generalização da arte de ler e escrever, torna-se mais difficultosa a reforma da orthographia.

161. SYSTEMA PHONETICO.

O primeiro systema que se offerece á nossa consideração é o *phonetico*, *phonico* ou *sonico*.

O SYSTEMA PHONETICO (*phonê* = *som*) consiste em se transcrever cada phonema vocabular pelo signal graphico correspondente, isto é, escrever-se como se pronuncia, de modo que a palavra escripta seja a imagem exacta da palavra fallada.

E', como se pôde conjecturar, o systema primitivo, e que, de facto, corresponde aos primeiros documentos de nossa lingua.

E' elle espontaneo, obedece ao movimento natural da representação exclusiva dos sons percebidos e aos intuitos originaes da invenção do alphabeto. Chamam-lhe por isso *systema philosophico*.

Através das incertezas orthographicas, determinadas quasi sempre pelas incertezas phoneticas, através do syncretismo das fórmulas vocabulares, revelam os primeiros documentos de nossa lingua o predomínio do systema phonetico, se bem que, aqui e ali, transpareçam tendencias etymologicas, o que é natural em escribas que deviam ter algum conhecimento do latim medieval. No primeiro desses documentos (*Noticias de torto*, 1189), encontramos as seguintes graphias características: — *aver, overum, ove, abade, erdade, anos, omem, ome, desonras, onra, eygreyja, eles, otros, etc.* — Nos cancioneiros do sec. XIII, são constantes as graphias que revelam a continuação da mesma corrente phonetica; taes como — *oje, ey (hei), ome, ela, avia, donzelas*; em Fernam Lopez (sec. XIV) — *averdes, ele, onra, Afonso, estoria*.

Este systema, tão preconizado pelos phoneticistas, não offerece, comtudo, base uniforme para uma reforma orthographica, vista a grande variedade da pronuncia, de região para região e de seculo para seculo. Sendo nelle a palavra escripta a imagem exacta da palavra fallada, a mudança constante da pronuncia determinaria a constante mudança de sua representação.

162. SYSTEMA ETYMOLOGICO.

A ORTHOGRAPHIA ETYMOLOGICA é mais um principio ou tendencia do que um systema. Já nos primeiros documentos da lingua descobre-se vagamente esta tendencia por parte de escribas que não podiam ser extranhos ao latim medieval, que era a lingua official. Esta tendencia accentuou-se com os latinistas do sec. XV, e firmou-se preponderantemente com a erudição classica do sec. XVI e XVII.

Consiste o chamado *systema etymologico* em se approximar, quanto possivel, a fórmula graphica actual da fórmula graphica original conhecida. Tal tendencia se manifesta na conservação de *consoantes* cujos valores phoneticos primitivos se acham actualmente atrophiados ou obliterados (*atensão, acto, afflicto*), e na conservação de *vogaes* cujos valores phoneticos primitivos se acham alterados na pro-

nuncia actual (*suberbo* por *soberbo*, *similhante*, por *semelhante*).

De accordo com esta tendencia, trez elementos caracterizam o systema etymologico:

a) Conservação da prepositiva *insonora* dos grupos consoantes, p. ex.: *affirmar*, *adduzir*, *acto*, *escripto*, e do *b etymologico* — *homem*, *honra*, *attrahir*.

b) Conservação dos digrammas gregos — *ch*, *th*, *ph*, *rh* — *character*, *charidade*, *theatro*, *philosophia*, *rhetorica*.

c) Preferencia ás vogaes originaes em certas palavras, a despeito da pronuncia, como p. ex.: *edade* (← ~~æ~~ *cetatem*) *egual* (← ~~æ~~ *æqualem*), *egreja* (~~æ~~ → *ecclesiam*), *testimunho* (← ~~æ~~ *testimonium*), *assimilhar* (← ~~æ~~ *similare*), *suberba* (← ~~æ~~ *superbia*), *logar* (← ~~æ~~ *locare*).

163. O SYSTEMA ETYMOLOGICO procura guardar o elemento tradicional primitivo na historia das palavras, e dar á orthographia uma base immovel na fixidez morta da lingua original, embora para isso tenha de reagir, ás vezes, até certo ponto, contra a evolução phonetica das palavras latinas.

Para Gonçalvez Viana a "orthographia etimologica é uma superstição herdada, um erro scientifico, filho do pedantismo que na época da resurreição dos estudos classicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade classica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrucção das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quasi sem protesto. E' ella uma tradição postica e presunçosa de orthographia helenizada e alatinada" (O Nac. 9, 12).

Apaixonadas nos parecem as censuras do illustre romanista: a corrente etymologica foi um movimento que abrangeu toda a literatura da Europa occidental, e deve ter tido um outro fundamento que não o mero pedantismo da época. Demais, anterior "ao pedantismo do sec. XVI e XVII", começa, com os latinistas do sec. XV, a reacção etymologica.

No *Leal Conselheiro* de Dom Duarte (1415), ao lado de muitas cacographias, taes como *lex, regno, escriptvão, busar, fortalleza, occiosidade, malles, myllagre, escandallo*, descobre-se, entretanto, a corrente *etymologica* latinista, que deve preponderar no seculo seguinte. De facto, nesse interessante trabalho do rei-escriptor encontra-se — *scripto, dicto, homem, baver, sancta, ella, aquelle, circonspecto, fallecimento, contradicto*.

No seculo XVI com os escriptores quinhentistas e no seguinte, a corrente *etymologica* se alarga e se impõe definitivamente na lingua. Apesar das vacillações e incongruencia da orthographia dos escriptores classicos, manifesta-se, por toda a parte, a tendencia *etymologica* de eruditismo latinista. Em Camões, apesar da irregularidade *orthographica* e das frequentes reacções *phoneticas*, assignaladas por E. Dias, “o desejo de seguir a *etymologia* chega a passar das marcas (por exemplo em “doctrina”).

164. O ETYMOLOGISMO RIGOROSO encontrou sempre grave obstaculo não só na ignorancia da origem de muitas palavras, o que dá a cada passo origem á *graphia* ultra-*etymologica*; mas tambem na prosodia e na tendencia simplificadoras. Dahi a impossibilidade de fornecer elle um typo uniforme de *orthographia*, e de evitar frequentes incoherencias. Os que procuram fugir á pecha de incoherentes, seguindo com rigor os principios de sua escola, são constrangidos a certas *graphias*, que desagradam por inusitadas, taes como — *inceptar* (encetar), *mactar, exempto, mulctar, poncto, hispanbol, phtysica, prancto, incanto, commadre*.

165. E' frequente neste systema a introduccão de *cacographias* ou erros *orthographicos*, determinados por falsas *etymologias*. Damos em seguida os mais frequentes:

| ERROS | CORRECÇÕES | ERROS | CORRECÇÕES |
|-------------|-------------|-----------|------------|
| Alemquer | Alenquer | Despeza | despesa |
| Author | auctor | Ellypse | ellipse |
| Authoridade | auctoridade | Eclypse | eclipse |
| Authorizar | auctorizar | Enygma | enigma |
| Ascenção | ascensão | Esphynges | esphinge |

| ERROS | CORRECÇÕES | ERROS | CORRECÇÕES |
|------------|-------------|-------------|------------|
| Barbaria | Berberia | Exhuberante | exuberante |
| Categoria | categoria | Explendor | esplendor |
| Condição | condição | Exforço | esforço |
| Cathecismo | catechismo | Hypodromo | hippodromo |
| Catecumeno | catechumeno | Pecego | pessego |
| Collyseu | colyseu | Rethorica | rhetorica |
| Colosso | colosso | Sachristão | sacristão |
| Contheudo | conteudo | Sachristia | sacristia |
| Contricção | contrição | Satyra | satira |
| Chripim | Crispina | Sepulchro | sepulcro |
| Contrico | contrito | Systhema | systema |
| Culterano | culturano | Tradicição | tradição |
| Chrystal | crystal | Tthonico | tonico |
| Dacta | data | Thiágo | Tiago |
| Defeza | defesa | Themudo | Temudo |
| Docel | dossel | Thesoura | tesoura |

Obs. Erros ha, entretanto, que uma vez universalmente adoptados, recebem fóros de cidade, taes como — *hontem, hombro, humido.*

166. O SYSTEMA MIXTO OU USUAL é o resultado da introdução do principio etymologico no sec. XV, e desenvolvido nos seculos posteriores. E' um systema *ecclético, phonetico-etymologico*, pois nasceu da combinação das duas tendencias, e procura no principio etymologico, modificado pela orthoepia da lingua, o padrão de uniformidade orthographica. Porém no seio traz o systema os germes da propria variação, ora impõe-se o rigorismo etymologico, conforme o temperamento do escriptor e se grapham; *mulcta, poncto, mactar, charidade, diphthongo, dicto, egreja, logar, etc.*; ora, a simplificação phonetica: *multar, ponto, matar, caridade, ditongo, dito, igreja, lugar, etc.* Outros, menos exclusivistas, fazem larga selecção entre as duas correntes: *multa, ponto, matar, diphthongo, dicto, egreja, logar.*

167. Em tal systema não se póde esperar uma coherencia impeccavel, pois o uso vário é o seu criterio. A intervenção, porém, de uma auctoridade reconhecida, que fixasse, em um *vocabulario orthographico*, a graphia mais generalizada e consentanea com a indole ecclética do systema, seguindo-lhe a propria evolução graphica, conseguiria, em breve tempo, sem inuteis abalos, o desejado escopo de unidade orthographica do idioma nacional.

Já em nosso *Curso Superior de Grammatica Expositiva* (§§ 102 — 116), expendemos os preceitos sobre a orthographia usual, que tendem ao almejado fim; aqui apenas daremos uma amostra do largo syncretismo orthographico determinado pela dupla corrente incorporada em nosso systema usual.

| ORTH. ETYMOL. | ORTH. PHONET. | ORTH. ETYMOL. | ORTH. PHONET. |
|---------------|---------------|---------------|---------------|
| apprender | aprender | dicto | dito |
| approximar | aproximar | charo | caro |
| aggravar | agravar | charidade | caridade |
| abreviar | abreviar | epocha | epoca |
| character | caracter | echo | eco |
| exgottar | esgotar | logar | lugar |
| extender | estender | mactar | matar |
| extrangeiro | estrangeiro | mulcta | multa |
| exemptar | isentar | poncto | ponto |
| inceptar | encetar | practica | pratica |
| edade | idade | bocca | boca |
| egreja | igreja | similhante | semelhante |
| igual | igual | suberbo | soberbo |
| esculptura | escultura | diphthongo | ditongo |
| escripto | escrito | subjeito | sujeito |
| eschola | escola | si | se |

REFORMAS DA ORTHOGRAPHIA

168. O largo syncretismo orthographico, de que acima tractámos tem produzido, tanto no Brasil como em Portugal, movimentos de réformas com o intuito de conseguir um modo uniforme de se escrever a lingua nacional. Porém todas essas tentativas tem abortado por exclusivas e revolucionarias. Tem ellas sido, em geral, uma insurreição demagogica de phoneticismo contra a preponderancia aristocratica do etymologismo.

Actualmente, duas tentativas sérias se estão fazendo, uma no Brasil e outra em Portugal, para se levar a cabo tão desejavel quão difficultosa empresa.

Destas duas réformas vamos nos occupar.

Refórma brasileira

169. A *Academia Brasileira de Letras* approvou, em 1907, um projecto de réforma orthographica, que, altera-

do posteriormente, consigna as seguintes modificações das *consoantes* e das *vogaes* na transliteração dos vocabulos da lingua:

I. CONSOANTES:

1.º Proscripção do **k**, substituido pelo **c** antes de *a, o, u*, e por **qu** antes de *e, i*: *cágado* (kágado), *quermes* (kermes).

2.º Substituição do **s** pelo **z**, sempre que tiver o valor desta letra: *caza, roza, cheiroza, meza, defeza*, por — *casa rosa, cheirosa, mesa, defesa*.

3.º Substituição do **g** pelo **j**, sempre que tiver o valor desta, excepto quando *inicial*: *imajem, orijem, carruajem, mensajem*, por *imagem, origem, carruagem, mensagem, homenagem*; porém *genio, geral, gente*.

4.º Proscripção da consoante *insonora* dos grupos consonantae, bem como de **h**, excepto o **h** inicial, que é conservado nos compostos: *afirmar, colegio, atender, ano, aumento, ato, ação, aflito, atrair, compreender*, por *affirmar, attender, anno, augmento, acto, acção, afflicto, attrahir, comprehender*; porém, *honra e deshonra, humanidade e deshumanidade, habil e inhabil*.

Nota. Conservam-se por necessidade os grupos geminados **rr** e **ss** para lhes conservar o som forte em *carro, jarro, cassa, passa*, etc., e por transigencia provisoria **ll** nas palavras — *elle, aquelle, aquella, aquillo*. — Os digrammas *lh, nh, ch=x* são naturalmente conservados em — *pilha, pinha, pecha*, etc.

5.º Proscripção dos grupos gregos — **ph, th, ch, rh**, substituidos pela letra simples correspondente: *filozofia, ortografia, orquestra, coro, retorica*, por *philosophia, orthographia, orchestra, choro, rhetorica*.

6.º Graphar-se-ão com **z** e nunca com **s** as syllabas finaes tonicadas, que tiverem este som: *ananaç, Goyaz, portuguez, marquez, Luiz, matiz, noç* (subst.), *voç, capuz, cuscuz*.

EXCEPÇÕES:

a) Os pluraes: *alvarás, mercês, quatis, urubús*.

b) Os pronomes: *nós, nos, vós, vos*.

c) As formas verbaes: *farás, dirás, vês, dês, dás, rís, preferís.*

d) Os nomes proprios — Moisés, Jesús.

II. VOGAES:

1.º Proscrição do **y** substituido por **i**: *misterio tipo, pira, Curitiba, por mysterio, typo, pyra, Curityba.*

2.º Representação das finaes nasaes *tonicas* por **ão** e **ã**, e das *átonas* por **am** e **an**; *pão, irmão, dirão, farão, correrão, irmã, manhã, orçam, diriam fizeram, correram, órfan, irman.*

3.º Representação dos diphthongos *oraes* por **ai, au, eu, iu, oi, ui**: *pai, sai, pau, céu, seu, fugiu, viu, heroi, boi, dilui* — *jornais, sais* (pl. de sal), *sóis, crizois, nacionais.*

O *hiato* e o *semidiphthongo* por **io**: *tio, rio, frio, vario, colirio.*

Refórma portugueza

170. Em maio de 1900, o Snr. Aniceto dos Reis Gonçalves Viana apresentou á Academia Real de Sciencias de Lisboa um plano de "simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguezas", que publicou e defendeu, com larga copia de erudição, em seu excellente livro — *Ortografia Nacional*, sahido á luz em 1904. Já em 1885 havia elle com o Snr. Guilherme de Vasconcellos Abreu tractado do assumpto em um opusculo intitulado — BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA.

Sua theoria reformadora synthetiza-a elle nos quatro artigos seguintes:

I. Proscrição absoluta e incondicional de todos os symbolos de etimologia grega, *th, ph, ch* (= *k*), *rh* e *y*.

II. Redução das consoantes dobradas a singelas, com excepção de *rr* e *ss mediaes*, que teem valores peculiares.

III. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda.

IV. Regularização da acentuação gráfica.

Estes quatro artigos são por elle reunidos em trez preceitos geraes, a saber:

I. Tudo o que se differença na fala tem de ser differenciado na escrita.

II. Todas as pronunciações lejitimas devem ser representadas na orthographia commum, para que a lingua escrita seja uma só.

III. Todos os artificios etimolójicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da lingua falada, serão des-terrados da escrita portuguesa, como contrarios á sua expressão gráfica.

No sentido desta refórma tem largamente escripto o illustre Snr. Candido de Figueiredo, e importantes adhesões tem ella obtido em Portugal e mesmo no Brasil.

Em setembro de 1911, o governo portuguez adoptou um plano de refórma orthographica elaborado por uma commissão de homens proeminentes nas letras portuguezas. O plano era, com algumas modificações, o mesmo apresentado e brilhantemente defendido em sua *Orthografia Nacional*, por *Gonçálvez Viana*, distincto philologo e eximio romanista. A commissão que o apresentou e que já de si o recommenda era composta de Francisco Adolpho Coelho, José Leite de Vasconcellos, Candido de Figueiredo, Manuel Borges Grainha, Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana, José Joaquim Nunes, D. Carolina Michæelis, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Julio Moreira.

A refórma portugueza, ampla e completa, não só procura uniformizar o emprego das *consoantes* e *vogaes* na translitteração dos vocabulos, mas ainda regularizar o uso das notações orthographicas, concorrendo desta maneira para facilitar e uniformizar a prosodia da lingua.

A refórma consigna em synthese o seguinte sobre os trez pontos:

I. CONSOANTES:

1. Proscrição do **k** e **w**, substituídos, em palavras portuguezas ou aporтугuezadas, por — **c, qu** e **v, u**. *Camchatca*, *quermes*, por *Kamtchatka*, *kermes*, assim — *cagado*, *quisto*, *caleidoscópico*, *doca*, *coque*, *niquel*, *niquelar*, *quiosque*, *querosene*, *quepe*, *quermesse*, e não, sem razão etymologica, — *kágado*, *kysto*, *kaleidoscopio*, *docka*, *coke*, *nickel*, *nickelar*, *kiosque*, *kerosene*, *kepi*, *kermesse*; — *valsa*, *darwinismo*, por *walsa*, *darwinismo*, assim — *vagon*, *Venceslau*, *Vamba*, *Hedvijes*, *visigodo*, *Vestefália*, *sanduíche*.

Nota. E' facultativa a conservação dessas letras (*k, w*) em nomes estrangeiros — *Kant*, *Darwin*, *Estokolmo*, *Byron*, *Newton*. O *K* fica apenas conservado como abreviatura de *quilo* (*kilo*, erradamente por *chilo*): *Kg*=quilogramma, *Kl*=quilólitro, *Km.*=quilometro; o *W* abreviatura de *oeste* (inglez *west*), assim como *E* é abreviatura de *este* ou *Este* (ingl. *east*). Neste emprego deixam *K. W. E.* de ser signaes phoneticos para se tornarem symbolos ideographicos, v. gr. — *W* = *oeste*. *NW*=noroeste, *SW*=sud-oeste, *KL*=quilolitro, *KG*=quilogramma.

2. Proscrição dos grupos gregos — **ph, th, ch** (= *k*), **rh**, substituídos pela consoante simples correspondente: *filosofia*, *ortografia*, *teatro*, *hipoteca*, *biblioteca*; *orquestra*, *orquídeas*, *retórica*, *Teófilo*, *afsta*, *ditongo*, e não — *philosophia*, *orthographia*, *theatro*, *hypotheca*, *bibliotheca*, *orchestra*, *orchideas*, *rhetorica*, *Theophilo*, *aphta*, *diphthongo*.

3. Proscrição do **h** medial e do não etymologico: *inabil* (e *habil*), *inumano* (e *humano*), *desouira* (e *honra*), *inerente*, *filarmónico*, *compreensão*, *reaver*, *Tiago*, *Temudo*, *Teresa*, *ontem*, *ombro úmido*, *pedra-ume*, e não — *inhabil*, *inhumano*, *deshonra*, *inherente*, *philarmonica*, etc.

Nota.

a) O **h** inicial, quando etymologico, é conservado: *habil*, *humano*, *honra*, *homem*, *Hortensia*, *hoje*, *heróe*, *ha-de-haver*, *haste*, *harpa*, *hamburguês*, *huguenote*.

b) No digramma *ch*=*x* é conservado: *chá*, *chacara*, *chegar*, *achar*, *cheio*, *encher*. Porém orthographar-se-á — *xá* (soberano persa), *xácara*, (poesia), *xeque* (cheik), *xeque* (cheque), *xará*, *xaruto*, *xingar*, *xué*, *xuxu*, *xucro*.

c) No fut. do indic., no caso de *tmese*, escreve-se o verbo *haver* separadamente: *amar-te hei*, *amar-me has*, *amá-lo hei*, *amar-vos hemos*, *amar-nos heis*, *amar-se hão*, *far-te hei*, *dá-lo hão*, etc. Fóra deste caso.

desaparece o **h**: *amarei, amarás, amar-te-ia, amar-vos-íamos*. No condicional, como se vê, continua a graphar-se *amar-te-ia, amar-me-ias*, etc.

d) O **h** final só é mantido nas interjeições: *ah! oh! hui! hum! hou! houlá!* Porém — *Judá, rajá, ou raja, Iná, Rute (Ruth), Judite (Judith)*.

4. Proscrição das consoantes *insonoras* dos grupos consoantes homogêneos ou geminados e heterogêneos: *aliança, colega, opor, supor, atenção, afirmar, ofício, acusar, pronto, aumentar, sinal, cômodo, Inês, Inácio, ditongo, aprovar, aparecer, dito, ano, Ana, diferença*.

EXCEPÇÕES:

a) São conservadas as prepositivas desses grupos quando facultativamente pronunciadas ou quando influem na vogal antecedente, abrindo-a, extendendo-se a conservação da prepositiva, em ambos estes casos, a todos os termos cognatos respectivos: *selecção — selecto, seleccionar, selectar; fraccção — fraccionar, fraccionamento; reacção — reaccionario, acção, accionar, contracção, acto, contracto, contractor, distracto; direcção — directo; réctidão — recto, rectangulo, rectificar, rectiforme; excépção — excepto, exceptuar; adópção — adopto, adoptar; aféctivo — affectuoso, affecto, affectividade; eféctivo — efectividade, efectuar, effectuoso; abstracção — abstracto, tracção, distracção; faccção, faccionar, faccioso, faccionario, factio, factura; dialéctica — dialectar, dialecto, dialectologia; colécção — colleccionar, colecta, colectivo, colectar, colectaneo, colector; objécção — objectar, objectivo, objecto, objectivar; léccionar — leccionario, lectivo; redacção — redactor; projectil — projecto, projectar, projecticio; egyptio — Egypto; didactologia — didactico; espéctaculo — espectacularo; Octavio, Octaviano; gymnasio, gymnastica, omnipotente, omnibus, (pois é facultativa a pronuncia do *m* no grupo *mn*).*

b) São conservadas as geminadas *rr* e *ss* por necessidade prosodica: *carro jarro, amarro* (cf. *caro, amaro*), *passo, cassa* (f. *casa*). — Pelo mesmo motivo dobram-se essas consoantes: *prorrogar, prorrogacção, prorromper, derrogar, prerrogativa, — prosseguir, prossecucção, pressupor, pres-sentir, monossilabo*.

c) São conservados os grupos *mn* e *nn*, quando o exige a pronuncia: *emmalar*, *ennervar*, cuja primeira syllaba se distingue prosodicamente de *emanar*, *enervar*, *imortal*, *imirgir*, *imigrar*, *iminente*, *emmagrecer*, *emmaranhar*, *emmoldu-rar*, *emmassar*, *comummente* — *ennobrecer*, *ennoitecer*, *en-nervar*, *ennovelar*, *ennuviar*, *ennodoar*, *ennesgar*, *innovar*, *inovação*, *innenarravel*, *innato* = *congenito* (cf. *inato* = *não nascido*). Também é conservado *mn* quando ás vezes pronunciado: *gimnástico*, *gimnastica*, *amnésia*, *gimnocéfalo*, *amnístia*.

d) E' conservado o grupo **sc**: *sciencia*, *consciencia*, *presciencia*, *scena*, *cetno*, *scisão*, *sciatica*, *scisão scisma*, *scintelha*, *scelerado*, *sceptico*, *scintilação*, *scindir*.

e) E' conservado, como vimos, o grupo **ch=x**: *chave*, *chefe*, *cacho* (Vide 3.º Nota b).

5. O emprego de **g** ou **j**, de **ç** ou **ss**, de **s** ou **z** é regulado pela *etymologia*: *genio* e *jerarquia*, *magistral* e *majestade*, *caça* e *cassa moça* e *mossa*, *maça* e *massa*, *mês*, e *vez*, *três* e *fez*, *ananás* e *vivaç*, *português* e *viuveç*, *marquês* e *xadrez*, *defesa* e *beleza*, *pais* e *nariç*, *retrós* e *veloz*, *vós* e *voz*, *nós* e *noz*, *mesinba* e *mezinha* (*medicina*), *asa* e *azo*, *Ásia* e *açia*, *precisar* e *batizar*, *pessego* e *açucar*, *sossêgo*, *ansia*, *dossel*, *cansar*, *danças*, *cetim*, *brasa*, *celamim*, *cediço*, *Sintra*, *hortensia*, *gôso*, *gás*.

EXCEPÇÕES:

a) Apesar na *etymologia*, escrevem-se sempre com **es** ou **is** as syllabas átonas: *Rodrigues*, *Marques*, *Gonçalves*, *Fernandes*, *ourives*, *simples*, *visconde*, *mesquinbo*.

b) Continúa a escrever-se **m** antes de *b*, *p* e *m*, **n** antes das outras consoantes: *imperio*, *embate*, *âmbito*, *impio*, *im-mortal*, *infeliz*, *entre*, *ingrato*, *lembrar*.

Porém não se guarda o **m** nos compostos fóra desta regra: *contigo*, *consigo*, *contudo*, *conquanto*, *circundar*, *circustancia* (cf. *bemdizer*, *bemfazejo*, *bemfeitor*, *bemfalante* (*bem = bei*), *enquanto*, *emtanto* (*em ei*), *homemzarrão*, *bom-zinho*, *capimzinho*, *homemzinho*).

6.º No fim de palavra não se escreve **n** mas **m** excepto quando o **n**, soa: *panteom* (ou *panteão*), *jovem*, *tom*, *chiton* (ou *chitão*), e *regimen* (ou *regime*), *gérmen* (ou *germe*), *hifên*, *eden*, *certamen*, *dólmén*, *alumen*, *líquen*, *cerúmen*, (ou *cerume*), *Prócion*.

Nota. O plural destes ultimos formam-se **es**: *regimenes* (*regimes*), *gérmenes*, *hifenes*, *édenes*, *certamenes*, *dólmenes*, *alúmenes*, *líquenes*, *canones*, etc.

II. VOGAES:

1.º Representação uniforme dos **diphthongos**.

a) Os **oraes** por **i** e **u** na subjunctiva: — **ai**, **au**, **éu**, **iu**, **ól**, **oi**; **uis**, *pai*, *vai*, *sai*, *cantai*, *amais*, *sais* (verb.), *sais* (pl. de *sal*), *quais*, *jornais*, *fatais*, *mau*, *vau*, *céu*, *seu*, *viu*, *sóis*, *sais*, *mói* (cf. *moi*), *móis*, *soi* (*sôe* — de *soar*), *sói* (*sôe*, de *soer*), *voi* (*voe* de *voar*), *sui* (*sue* de *suar*), *contribui* (cf. *contribuí*).

Nota. O SEMIDIPHTHONGO e O HIATO por **io**: *vário* e *vario*, *dominio* e *senhorio*, *pátio* e *partio*, *rio*, *tio*.

b) Os **nasaes** por — **ãe**, **ão**, **em**, **ens**, **õe**: *mãe*, *pães*, *órgão*, *órfão*, *Estêvão*, *Sebastião*, *bem* (= *bei*), *emquanto*, (= *eiquanto*), *bens* (= *beis*), *imagens* (= *imageis*). — Nos verbos conservam *am* para os diphthongos finaes átonos, e *ão* para os tónicos: *amam*, *amaram* e *amarão*, *falam*, *falaram* e *falarão*.

2. Representação uniforme do **ã** nasal final por **ã** *irmã*, *manhã*, *órfã*, *irmã*, *vã*. — Os diminutivos e os advérbios guardam o *til* da fórmula primitiva: *irmãozinha*, *orfaninha*, *vãmente*, *cristãmente*. — Fóra deste caso, o *a* nasal medial representa-se *an*: *vangloria*, *irmandade*, *cristandade*, *manto*.

3.º Graphar-se com **i** ou **e**, com **o** e não **u**, de accordo com a evolução da vogal latina, os seguintes vocabulos e outros semelhantes: *idade*, *igual*, *igreja*, *Ifigenia*, *testemunho*, *semelhante*, *se* (conjunc.), *vezinho*, *Vergilio*, *tejolo*, *artelberia*, *crânio*, *pátio*, *pior*, *milhor* (ou *melhor*), *lial* (ou *leal*), *Manuel*, *soberbo*, *logar*, *logarejo*. — Pela mesma ra-

zão orthographar-se-á *dezaeis, dezasete, dezanove, quere* (3.^a pess. do pres. do indic. de *querer*).

Nota.

a) *Criar* e não *crear*, a despeito de *creare*, por exigir o **i** a syllaba tónica dos tempos verbaes — *crio, crias, cria, crie, etc.*, e dahi *criança, criado, criação, criatura*, e não *creado, creança, criação, creatura, e*, pela mesma razão, — *procriar, procriação, procriador, recriar, recriação, recriado*. — Porém *recrear* no sentido de divertir-se guarda o **e** etymologico por conservá-lo na syllaba tónica — *recreio, recreias, recreia, etc.*; donde *recreação, recreativo*.

b) Discrimina-se entre *real* de *res*, e *rial* de *rei* e dahi — *realidade, realização* e *rialza, rialengo*.

c) *Poder* e *pôr* teem **u** no pret. perf. do indic. e nos tempos que delle se derivam : *pude, pudeste (pôde), pudemos, pudestes, puderam; pudera, pudesse, puder, etc.; pus, puseste, (pôs), pusemos, pusestes, puseram; pusera, pusesse, puser, etc.*

d) *Querer* grapha-se na 3.^a pess. do pres. do indic. — *quere*, e no preterito perf. e seus derivados — *quis, quiseste, quis, quisemos...; quisera, quisesse, quisser*.

III. ACCENTOS:

I.° Marcar-se-á com **agudo** ou **circumflexo** a syllaba tónica dos seguintes vocabulos:

a) Dos **proparoxytonos** : *sábado, câmara, cédula, pês-sego, fôlego, pólvora, máximo, intimo, bellissimo, ótimo, rápido, lúgubre, fimbria, núncio, légua, régua, água, desinência, sequência, ânsia, êxito, êxodo, farmacêutico, Venâncio, António, áugure, arúspice, contínua* (cf. *continua*, verb.), *mingua* (cf. *mingua*, verb.), *séria* (cf. *seria*), *público* (cf. *publico*), *gênio, gênero, gêmeo, nônio, fénico, acadêmico, gênese, cómodo, cônego, espécimen*.

b) Dos **oxytonos** terminados em **—a, e, o** (seguidos ou não de **s, m, ns** : *Tomás, alvará e alvarás, fará e farás, rapé, ipê, avó e avós, armazém e armazêns, contêm* (cf. *contem, imagem*). — Ficam inaccentuados os oxytonos em **i, u e consoante**: *juriti, tupi, coati, peru, urubu, fatal, anel, perfil, azul* (cfr. *fácil, cônsul*), *tapar, falar, vender, prazer, poder, puder, tapir, opor*.

Nota.

1.ª Os monosyllabos tónicos em **a, e, o** levarão *accentos*, porém ficam *inaccentuados* os em **i e u** e **consoante**: *pé, já, lá, pé, si* (pron.), *nu, dor, flor, ver, crer, pôr* (ao lado de *por*), *côr* (ao lado de *cor, de cor, donde decorar*). Igualmente ficam *inaccentuados* os monosyllabos em **em e ens**: *bem e bens, tem e tens, cem, vem* (3.ª pess. do sing. e do plur. do indic. pres. de *vir*).

2.ª O **til** supprime o **accento**: *irmã, cristã, manhã, lâ, irmão, varão, Sebastião* (cf. *órfã, orfão, sótlão, Estêvão, Cristóvão*).

c) Dos **paroxytenos** terminados em **i, u, vogal nasal, diphthongos** seguido ou não de **s**) e **consoantes**: *quási, júri, tribu, Vénus, Páris* (cf. *Paris, cidade*), *Estêvão, Christóvam, órfão, órgão, amáveis, fosséis, téxtis, fáceis, pênseis, fóssil, téxtil, fácil, pênsil, cônsul, cadáver, açúcar, alcáçar, mártir, sóror, âmbar, aljôfar, Madagáscar, córtex, sílex, index, Félix, bórax, tórax, féniç, pólux*.

d) Dos **homographos**, nas vogaes **fechadas (e ou o)**: *rôgo e rogo, sôbre e sobre, cômo e como, jôgo e jogo, govêrno e governo, pêco e peço, pêso e peso, mêdo e medo (povo), sêde e sede, vêde e vede, colhêr e colher, côr e cor (de cor), côres e cores, porêr e porem, dêmos (pres. subj.) e demos, dôres e dôres (dorar), fôrma e forma, fôra e fora, dêste e deste, dêsse e desse, êle e ele (letra), êsse e esse, êste e este, lêmos e lemos, (pôlo e polo = pelo).*

Quando ha mais de duas dicções homographicas accentuam-se duas: *avó, avô, avo, sé, sê, se, pêlo, pelo*.

Nota. Quando os homographos são *proparoxytono* e *paroxytono*, opera-se a discriminação pela accentuação daquelle (III, s. a.): *contínua e continua (=continua), pública e publica, líquido e liquido, amálgama e amalgama, número e numero*. Entre *paroxytono* e *oxytono* a discriminação se faz pela regra **D e C**: *vencerá e vencera, unirás e uniras, porêr e porem*.

e) A vogal tónica do **hiato**: *ai, sai, saúde, contribui* (cf. *contribui*), *faisca, baú, Jaú, Taígeto, Piauí, conteúdo, doido* (cf. *doido*), *viúvo, veículo, proibir, ruína, ruído, roído*.

Nota. Quando o **hiato** é átono pôde usar-se do acc. *grave* pelo *agudo*: *saimento, paisagem, saúdar, abaúlado, fairsar*. — Pôde dispensar-se o acc. *agudo*, no **hiato** tónico final, quando este não termina por **s**: *raiz* (cf. *raízes*), *juiz* (cf. *juizes, júizo*). Compare-se *Luis, Saut, paul, ruim, rainha, Coimbra, moinho* (pop. *múinho*), *transeunte, triunfo, coínchar, reinádir, adail*.

f) A vogal aberta dos **diphthongos ei, eu, oi** : *réis e reis, batéis e bateis, papéis e papeis, céu e seu, sóis e sois, apóio e apoio, véu e meu, chapéu e europeu, ilhéu e per-deu, labéu e lambeu.*

2.º Marcar-se-á com **accento grave** :

a) A **subtonica** nos **derivados** : *màzona (má), pèzi-nho, cafèzinho, sòzinho, saúdoso, enraizar, arruinar, rui-noso.*

O **accento agudo** do **primitivo** transforma-se no **grave** do **derivado**, para indicar vogal aberta.

Nota. Nos **adverbios derivados dos adjectivos** guarda-se o **accento destes** : *fácil—fácilmente, só—sómente, cortês—cortêsmente, portugûes—portugûesmente, rápido—rapidamente, ábil—ábilmente (cf. ricamente, loucamente, ferozmente, caladamente).*

b) A vogal aberta átona de **homographos** : *prégar e pregar, pègada e pegada, mólhada e molhada, àquelle e aquelle, àparte e aparte, (á = a + a), còração (de còrar), e coração.*

c) O **u sonoro** dos digrammas **gu** e **qu** : *argûir, argüente, agüentar, agüeiro, frequênciã, eloquênciã, eloquente, equívaler, equiângulo, equídeo, equidistante (cfr. seguir, distinguir, quente).*

Escreve-se — *catorze, cota, cotizar, e não quatorze, quota, quotizar.*

IV. HYPHEN:

Prende-se com **hyphen** :

a) O pronome **enclítico** e os prefixos **bem** e **mal**, do seguinte modo: *amá-lo, devê-lo, sê-lo, tenho-o, tem-no, tem-lo (= tens-lo), temo-lo, tende-lo (indic. e imper.), dizê-lo, dizo-lo, vê-mo, vê-to, vê-lho, vê-no-lo, dai-lhe — bem-aventurado, bem-aventurança, bem-estar, mallogrado (e também malogrado, como malogro, malograr).*

b) A preposição **de** ao verbo nas conjugações **periphrasticas**: *hei-de (falar), has-de, ba-de, hão-de.*

c) O fragmento da palavra no fim da linha ao outro fragmento: *pas- | ta, subs- | tantivo, direc- | ção, adop- | tar des- | astre, de- | satar, bi- | savô, fac- | to, corrup- | tela.*

Nota.

1.ª Não se separa **EX**: *ex-|emplo, ex-|ercito, ex-|ceder, ex-|hortar, ex-|orbitar.*

2.ª Não se separam GRUPOS VOCALICOS: *cau-|sa, rai-|zes, sau-|de, rea-|leza, poei-|ra, die-|ta, ensaia-|ram, rio-|zinho.*

3.ª Não se separa o grupo, **SC**, quando o **S** não se lê separado do **C**: *en-|scenação, in-|sciente, pre-|sciencia*; porém — *cons-|ciencia, pros-|cenio, pros-|crilo, trans-|cender.*

4.ª Repet-se o *hyphen* na linha inferior, quando este separa elementos de um composto já presos por elle: *obra-|-prima, porta-|-voz, amá-|-lo, deu-|-te, pé-|-de-|-vento.*

5.ª Emprega-se o *hyphen* uniformemente nos compostos escurios e locuções: *bom-bocado, obra-prima, bons-dias, meia-noite, meio-dia, meia-cara, bom-tom, boa-nova, mãe-d'agua, pé-de-galinha, pé-de-vento, alma-de-gato, pedra-de-cevar, bota-fora, ganha-perde, cabeça-de-casal, oculo-de-ver-aolonge, a-troche-e-moche, de-déu-em-déu, de-arrancada, de-chofre, de-certo, a-pesar-de, além-de, ao-redor-de, sem-sim.*

V. APOSTROPHO:

E' aqui abolida esta notação. Serve apenas para indicar, quando necessaria, a suppressão accidental da vogal, principalmente na poesia: *p'ra, esp'rança, c'roa, 'stão*, e em compostos, como *mãe-d'agua*.

Sem *apostropho* escrevem-se as *contrações*: *dele, dêste, dêsse, dali, daí, daquele, mo, to, lho, donde, dacolá, dalém, dum, duma*. Fóra destas particulas não se opera *contração*.

VI. TIL:

O **til** continúa a indicar nasalidade, e na syllaba final o *accento tónico*, quando este não é indicado em outra syllaba: *irmã e órfã, Sebastião e Estêvão, cõvão e covão*.

VII. PONTOS DE INTERROGAÇÃO E EXCLAMAÇÃO:

Suggere-se apenas a conveniencia de se imitarem os hespanhoes, collocando-se estes pontos invertidos no principio da phrase, quando esta excede a quatro ou cinco palavras: *¿ Quando soubeste que a tua familia chegava de fóra hoje ? — ¡ Bello e esplendido o dia de hoje !*

CRITICA

171. Antes de entrar na critica das refórmulas expostas e de ampliar o que dissemos em nossa *Grammatica Expositiva, Curso Superior*, cumpre-nos lamentar que o zelo pela refórma de nossa orthographia, o qual, de tempos a tempos, explode com certa intensidade, não se volte para o estudo e refórma de nossa syntaxe, cuja importancia substancial está pedindo, em muitos pontos, a elucidação auctorizada de nossos literatos. E' realmente lastimavel que a fórma e não a substancia apaixone os nossos homens. E nem se dirá que a razão disto é serem os herdeiros de Camões mais artistas que scientistas, porquanto é na estructura syntactica da phrase e não no aspecto material do vocabulo que se revela o genio esthetico de um povo. Em segundo lugar, é deploravel o espirito revolucionario dos que querem democratizar a orthographia portugueza.

A nossa orthographia actual, com todos os seus defeitos, é já um legado secular de nossos antepassados, accumulado no decurso de gerações, uma como urna sagrada, que encerra todo o thesouro de seu genio. E' a lingua escripta o laço mais forte e genuino, que nos prende ao passado; o elemento mais vivo de solidariedade com as gerações, que por nós, luctaram e soffreram; em summa, é a tradição patrimonial, que a todos nós pertence, *res communis*. Claro é, portanto, que qualquer refórma desamorosa e irreverente desse patrimonio geral deve encontrar rigida opposição não só na inercia natural ao espirito conservador, mas tambem nesse elemento affectivo e legitimo de apego ás tradições dos que foram. Os nossos reformadores, para conseguirem algum resultado, deveriam traçar os seus planos de harmonia com o proprio movimento evolutivo do idioma escripto, e imitar a moderação e prudencia da Academia Franceza. Reformas desta natureza não se decretam, e só se impõem pelo proprio prestigio.

A orthographia de um povo, como a propria lingua, é um facto, systematico ou asystematico, logico ou incongruente, mas um facto sempre respeitavel em seus fundamentos e intuitos. Desconhecê-lo, deturpá-lo, feri-lo na pro-

pria substancia, invectivar as gerações, que, seguindo o natural instincto, foram, ás apalpadellas, por assim dizer, accumulando, a pouco e pouco, os elementos a cujo acervo chamamos orthographia usual, é realmente seguir caminho errado e anarchizar ainda mais a herança paterna, que representa o esforço secular de nossos avós.

Demais, esse *facto* não é tão asystematico, arbitrario ou absurdo, como quererem os follicularios das refórmias radicaes. Como na lingua fallada, assim na lingua escripta ha o instincto da ordem, ha principios que tendem a dominar a variedade incongruente dos phenomenos, a corrigir o syncretismo graphico, fructo muitas vezes da ignorancia dos escriptores. Ora, na apreciação de um systema, não é razoavel torná-lo responsavel pelas falhas de seus adeptos e increpá-lo pelas phantasias de seus cultores.

Não queremos dizer com isto, que não se façam refórmias ou que não se tente melhorar, uniformizando-a, nossa actual orthographia; julgamos, porém, que essa empresa deve obedecer a esses principios de ordem dentro da indole ecclética do proprio systema.

As refórmias brasileira e portugueza, que acabamos de expor, trazem, por certo, valiosos subsidios para uma futura uniformização de nosso padrão orthographico; mas não cremos que consigam a adhesão geral, pelo menos no Brasil.

A Academia Brasileira, tomando por base o phoneticismo exclusivo, procura a uniformidade graphica, rompendo de modo revolucionario com habitos tradicionaes, e deturpando, dest'arte, largamente as fórmias vocabulares, embora se visse obrigada a transigir aqui e ali com o etymologismo, e fixasse acertadamente certas graphias oscillantes.

A substituição do **g** medial etymologico pelo **j** (*orijem*), e de **s** intervocalico pelo **z** (*caza, formozo*), quebra sem razão sufficiente, uma respeitavel tradição da lingua escripta, e altera de chofre a esthetica de milhares de vocabulos. A transigencia na conservação do **g** e do **h** iniciaes (*genio e homem*) enfraqueceu-lhe o principio adoptado. A fixação, porém, das syllabas tónicas finaes em **z** (*portuguez, marquez, Pariz, Goyaz*), com as excepções indicadas

(regra 6.^a), bem como das nasaes finaes (*irmã* e *orfan*) e dos diphthongos (*irmão* e *orfam*), foram medidas acertadas, que correspondiam a bem pronunciadas correntes orthographicas. A despeito, porém, destas boas disposições, o radicalismo e exclusivismo sonico, que a constrangeu a deturpações e incoherencias, o seu character incompleto e a falta de um vocabulario orthographico, condemnam, parece-nos, irremediavelmente a bem intencionada tentativa da Academia Brasileira de Letras.

A refórma portugueza tem o mesmo intuito simplificador que a brasileira, e com ella coincide em muitos pontos; leva-lhe, porém, vantagem em ser mais comprehensiva, systematica e conservadora.

Mais cauta e reflectida que a Academia, a Commissão Portugueza, declarando evitar processos revolucionarios, procurou no caminho da evolução phonetica um criterio scientifico, que lhe deparasse base segura, onde pudesse firmar um padrão de uniformidade graphica para a extrema variedade phonica da lingua. Julgou achá-lo no processo phonetico-historico, pelo qual procura estabelecer a possivel conciliação entre a orthographia e a evolução dos phonemas vocabulares, respeitando em alguns pontos o principio etymologico, e com elle transigindo em alguns outros.

Com este criterio historico e oportunas concessões ao uso, logrou amortecer a opposição dos etymologistas, captando ao mesmo tempo a adhesão dos phonetistas, cujos principios predominam na refórma. Accresce que esta attitude, até certo ponto conciliadora, é amplamente favorecida pelo *Vocabulario Alfabético e Remissivo*, publicado pelo douto romanista A. R. Gonçálvez Viana. Além disso, o character completo da refórma, que tudo previu, a regulamentação judiciosa do emprego dos accentos, são titulos meritorios, que lhe dão certa plausibilidade de adopção geral.

O que ha de original na refórma portugueza, além de pequenas distincções (*real* e *rial*, *criar* e *recrear*), e da regulamentação dos accentos, é o elemento phonetico-historico. E como a evolução phonetica é continua, necessario se torna buscar-se nos classicos, mormente quinhentistas,